

Grupo Viveiros Comunitários – Viveiro Bruno Irgang, Laboratório Vivo

CASAGRANDE, Alana. UFRGS, bioalana@yahoo.com.br; FUHR, Guilherme. UFRGS, biofuhr@yahoo.com.br; SETUBAL, Robberson Bernal. UFRGS, rbsetubal@yahoo.com.br; ROSA, Fernanda Silveira. UFRGS, fer.panda@yahoo.com.br; ARDISSONE, Rodrigo Endres. UFRGS, endresrodrigo@yahoo.com.br; OLIVEIRA, Maximiliano Silva. UNILASALLE, maxbiologo@yahoo.com.br; MOUZER, Marcus Vinícius de Souza. UFRGS, gengibre76@yahoo.com.br; LÜTKEMEIER, Karin Luísa. UFRGS, karinluisa@gmail.com; BRACK, Paulo, UFRGS, pbrack@adufgrs.ufrgs.br

Resumo

Este texto conta um breve histórico do grupo Viveiros Comunitários (GVC), coletivo de estudantes de biologia que trabalha sob a ótica do Viveirismo Ecológico. Este coletivo vem atuando desde 1997, na propagação de mudas nativas e dos conhecimentos relacionados a esta prática. Assim, o GVC fomenta o envolvimento estudantil e comunitário em projetos de educação ambiental, recuperação, manutenção e difusão da biodiversidade nativa. O presente relato foca a atuação dos últimos cinco anos do grupo, em que se construiu um viveiro rústico com utilização de materiais locais e de baixo custo, o Viveiro Bruno Irgang. A consolidação deste espaço vem servindo como ferramenta para práticas educativas que estimulam a autonomia comunitária no manejo sustentável dos recursos naturais.

Palavras-chave: Educação, viveirismo, espécies nativas

Contexto

O Viveiro Bruno Irgang (VBI), vinculado ao Grupo Viveiros Comunitários (GVC) está inserido em um contexto singular. Localizado no Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), município de Porto Alegre, é vizinho ao morro Santana e à Vila Santa Isabel, compartilhando com esta uma relação comunitária diária.

O Morro resguarda um dos maiores remanescentes de ecossistemas naturais da região, recoberto por campos e matas nativas, abrigando nascentes de importantes microbacias da capital e espécies ameaçadas de extinção. Representa enorme importância cultural e ambiental para a população que acessa seus recursos naturais como plantas medicinais, frutos, lianas, entre outros. Atualmente está em processo de criação uma Unidade de Conservação na categoria de Refúgio de Vida Silvestre (Revis Morro Santana).

O GVC é um coletivo de estudantes do curso de Biologia que trabalha desde 1997 com a produção de mudas de essências nativas sob a ótica do viveirismo ecológico. A construção de viveiros rústicos é uma maneira de resguardar e reproduzir a biodiversidade em um espaço didático, científico e ornamental. O objetivo do VBI é consistir em um Laboratório Vivo para o desenvolvimento de conhecimentos práticos referentes à conservação e o uso sustentável de nossa biodiversidade. Também busca resgatar a auto-estima ecológica comunitária, promovendo o estreitamento dos laços entre a universidade e a comunidade local. O presente relato envolve a experiência do GVC com a implementação do VBI no período de 2004 até hoje.

Descrição da Experiência

O GVC tem como meta a conservação dos ambientes naturais, a capacitação no conhecimento da flora nativa, produção e comercialização de mudas nativas. A atuação se dá junto a comunidades alocadas em áreas de interesse ecológico, como o bairro Lami e o Morro Santana nos municípios de Porto Alegre e Viamão. A instalação de viveiros rústicos nesses locais é uma forma de promover a autonomia dessas comunidades no acesso sustentável dos recursos naturais. O grupo se mantém e se renova com a participação estudantil, apoio de professores e

Resumos do VI CBA e II CLAA

da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, além de estabelecer parcerias com outros grupos e instituições similares.

As instalações do VBI possuem estruturas para o acomodamento de sementeiras e mudas. A sua capacidade atual de produção é de aproximadamente três mil plantas. As áreas adjacentes foram recuperadas com técnicas como transposição de folhigo e plantio de espécies para adubação verde, medicinais e alimentícias. Foram feitas hortas com resíduos provenientes da jardinagem, de aulas práticas e húmus gerado nas composteiras instaladas no local. Cabe ressaltar que a constituição destes espaços, é fruto do esforço coletivo através de mutirões, oficinas e cursos.

O viveiro foi batizado de Bruno Irgang em homenagem a um dos professores orientadores do grupo e grande incentivador das espécies nativas. O viveiro e as áreas adjacentes constituem o Laboratório Vivo, mantido através da proposta do "Viveirismo Ecológico". Este conceito contempla a propagação de espécies da biodiversidade regional, a reutilização de materiais, agroecologia, aproveitamento de recursos locais e o incentivo a autonomia comunitária na recuperação ambiental e na diversificação de unidades produtivas familiares.

As etapas do trabalho no viveiro envolvem a coleta e beneficiamento de sementes e produção e plantio de mudas. O monitoramento da produção e dos plantios é feito através de fichas de registro. O acompanhamento de cada etapa de trabalho vem gerando um banco de informações importante para o aperfeiçoamento de técnicas utilizadas. A divulgação da proposta e a troca de conhecimentos, sementes e mudas acontece em eventos acadêmicos e comunitários, cursos, seminários, feiras, oficinas e nos mutirões de plantio. Estes eventos e atividades são importantes na consolidação de redes de viveiristas e instituições de fomento.

Atualmente, o GVC atua junto à escola Anita Garibaldi, situada na Vila Santa Isabel. Desde 2006 vêm sendo formalizados projetos de extensão que têm o Laboratório Vivo e a escola como dois espaços de práticas em Educação Ambiental. Através do trabalho continuado se busca o fortalecimento da relação com a comunidade, levando os conhecimentos acadêmicos a interagir com os saberes tradicionais. Desta forma, enriquecendo um processo participativo na gestão sócio-ambiental regional.

Resultados

O espaço do Laboratório Vivo se encontra em um estágio de recuperação ambiental e sucessão ecológica em que crescem plantas de diversos hábitos e usos, atraindo fauna e recuperando o solo. O trabalho de recuperação está distribuído em cinco canteiros de produção de espécies com uso múltiplo, alimentados pelo húmus das composteiras. Ao longo dos anos foram produzidas aproximadamente cinco mil mudas de cerca de noventa espécies. O viveiro prezou pela diversidade de espécies, incluindo espécies ameaçadas, raras e com valor alimentício e ornamental. Vem sendo testados e aprimorados diferentes métodos de tratamento de sementes, substratos, cobertura de sementeiras e marcação de matrizes.

As mudas produzidas no viveiro, além de serem utilizadas no trabalho de recuperação da área, também são destinadas a ações de plantios comunitários, trocas com outros viveiros e doação orientada. Os plantios comunitários são intitulados pelo grupo de Ocupação Verde (OV). Os objetivos das OVs incluem a recuperação de áreas degradadas, implementação de pomares, SAFs e ornamentação. Foram realizadas mais de vinte OVs em diferentes locais, envolvendo vários grupos e comunidades em atividades planejadas.

A atuação do grupo nesse período envolveu a capacitação de aproximadamente trinta estudantes no conhecimento sobre práticas de viveirismo e educação ambiental. A aprendizagem através da

Resumos do VI CBA e II CLAA

troca de experiências é o ponto de partida no processo de formação dos recursos humanos. Este processo inclui a realização de seminários, palestras, oficinas, cursos, troques conscientes que discutem conceitos, metodologias e atuação em consultoria ambiental. Assim, os estudantes têm a oportunidade de aplicar o conhecimento teórico/acadêmico de uma forma multidisciplinar, e vivenciar outras temáticas não contempladas no currículo do curso.

O GVC vem produzindo um diagnóstico continuado de viveiros comerciais e institucionais do Rio Grande do Sul. Essa ação busca conhecer a biodiversidade e demanda na produção de mudas e a distribuição dos viveiros-chave para troca de informações. Observou-se que a maior parte dos viveiros tem uma baixa riqueza na sua produção, em torno de 50 espécies nativas. O acesso às matrizes geralmente é feito em locais urbanizados, com um ou poucos indivíduos, representando uma baixa variabilidade genética das mudas produzidas. A maior parte da comercialização dos viveiros é oriunda da venda de espécies exóticas, sendo que as espécies nativas geralmente são utilizadas em reposições vegetais.

O grupo busca, cada vez mais, compreender os vários aspectos relacionados à prática do viveirismo como uma estratégia eficiente na conservação dos ambientes naturais. A proposta segue sendo desenvolvida com intuito de trabalhar a Educação Ambiental sob as diferentes óticas da sustentabilidade no manejo da biodiversidade.

Acreditamos que o respeito e a manutenção da biodiversidade devem provir da própria sociedade. O resgate de valores vinculados à natureza e saberes tradicionais são o cerne para o fortalecimento comunitário local gerando auto-estima ecológica. Encorajamos outros coletivos que trabalham sob a perspectiva agroecológica, a enxergar o potencial de uso múltiplo de viveiros em unidades de produção para incremento de renda e sustentabilidade ambiental.

Agradecemos aos integrantes da equipe do Grupo Viveiros Comunitários: Rodrigo Cossio, Gabriel Poester, Rafael Paniz, Lucas Nascimento, Guilherme Seger, Martin Grings, Rochele Scopel e em especial ao professor/orientador Paulo Brack.



FIGURA 1. Fases de implantação do Viveiro Bruno Irgang: 2005, 2007 e 2009.